

# *A intuição como preâmbulo à ciência: um estudo de abordagem filosófica*

**Alécio Vidor**

Faculdade Antonio Meneghetti (AMF)

**Resumo:** Este artigo teórico apresenta o ponto de vista filosófico de alguns autores que trataram o tema intuição, sendo que entre os mais importantes podem ser encontrados: Aristóteles – diz que a intuição é uma verdade de ordem mais elevada que a verdade científica. Ela não pode ser incluída na ciência porque foge à demonstração e se dá por evidência imediata. Bergson considera a intuição como fonte da criatividade. Já Nicolau de Cusa afirma que só se alcança a intuição se soubermos vencer as contradições de ordem racional e múltipla. Para ele, a intuição de base corresponde à visão imediata da identidade de si mesmo, no homem. Através da elucidação etimológica dos termos, podemos entender melhor a visão da Ciência Ontopsicológica: intuição (*intus+actionis*) significa ver dentro, ver o íntimo de origem da ação. Intelecção (*intus+legere+actionis*), ou seja, o intelecto lê o íntimo da ação. A consciência (*cum+scire+entia*) é o saber conforme a ação do ser ou conforme a intelecção. No entanto, como a consciência sofreu condicionamentos externos distônicos ao mundo-da-vida, ela deve ser autenticada, ou seja, reversível ao seu real. A intuição da consciência pura corresponde à visão ôntica, que é percepção evidente do princípio radical do ser humano. Esta visão foge da compreensão racional e se mantém acima da evidência lógica.

**Palavras-chave:** intuição; ciência; Filosofia; Ontopsicologia.

**Abstract:** This theoretical paper presents the philosophical point of view of some authors who have treated the topic intuition, being among the most important can be found: Aristotle - says that intuition is a fact of higher order than scientific truth. It can not be included in science because escapes and is given by demonstration immediate evidence. Bergson considers intuition as a source of creativity. Already Nicholas of Cusa says that intuition comes only if we overcome the contradictions of rational order and multiple. For him, the basic intuition corresponds to the immediate vision of identity itself, in man. Through the elucidation of etymological terms, we can better understand the vision of Ontopsychology: *intuition (intus+actionis)* means see inside, see the intimate source of action. Intellection (*intus+legere+actionis*), the intellect reads the intimate action. Consciousness (*cum+scire+entia*) is know as the action of being or as intellection. However, as the external conditions suffered dystonic consciousness to the world-of-life, it must be authenticated, ie reversible to its real. The intuition of pure consciousness corresponds to ontic vision, perception is evident that the radical principle of human being. This view escapes the rational understanding and remains above the logical evidence.

**Keywords:** intuition; science; Philosophy; Ontopsychology.

## 1 Introdução

Intuição é um termo de raiz latina: *intus* (íntimo, dentro) + *actionis* (ação), que significa o íntimo da ação. O mesmo termo pode ter a raiz latina *tueri* (ver) + *in* (em), que significa ver dentro e corresponde à ação de ver diretamente. Trata-se da ação que dá evidência, e que apreende diretamente o princípio ou ponto de partida do conhecimento sem intervenção de racionalidade ou raciocínio. É a visão que colhe o íntimo da ação, portanto, colhe os modos e as estruturas de um projeto de ação. Pela intuição sabe-se a identidade e a funcionalidade do projeto antes que se formalize o evento ou fenômeno. A intuição evidencia diretamente o real, ela se antecipa às coisas e às palavras, visto que compreende o princípio que sustenta e dá origem aos fenômenos e às palavras.

O termo intelecto se decompõe em *intus+legere+actionis*, isto significa o intelecto lê a ação interior, é a faculdade que reflete diretamente a visão mental na qual se intui a unidade básica. A intuição dá o dentro da ação, e o intelecto lê a ação, lê sua variação. Ela colhe o real anterior ao cognoscível e ao que é designável em palavras.

O intelecto é a faculdade que lê e compreende as coisas a partir do íntimo e identifica as formas essenciais de qualquer evento ou fenômeno. Ele pode refletir diretamente a ação na qual se intui a unidade básica, o fundamento que reúne sujeito-objeto. O intelecto lê o fundamento da demonstração científica. Já a demonstração necessita da análise e da síntese, que é efetuada pela razão. A razão é o intelecto aplicado na organização da ciência.

Por outro lado, a lógica é exercício racional de inteligência, é organização combinatória de conceitos, juízos e proposições. Porém, sem a evidência da intuição, a lógica torna-se vazia, sem utilidade e função. A intuição dá a

evidência da identidade e o critério primeiro da racionalidade, ela ilumina a racionalidade na organização do conhecimento, mas não se enquadra na racionalidade.

Dessa forma, este artigo realiza um breve estudo teórico, sob o ponto de vista filosófico, da relação que é possível existir entre intuição e ciência, tomando a primeira como preâmbulo à segunda. Para tanto, são apresentados conceitos essenciais de alguns dos principais autores e estudiosos no percurso da filosofia acerca da temática da intuição e do conhecimento.

Importante se faz verificar que, a intuição – se compreendida de modo sério e sem ulteriores interpretações não condizentes com o conhecimento laico acerca do que a mesma é – torna-se fundamental para o processo científico, fazendo-se complementar à racionalidade.

## 2 Aspectos histórico-filosóficos do conceito de intuição

Para Platão, a sensibilidade inicia o conhecimento, porém, o contato sensível das coisas toca apenas as aparências e não é mais do que a condição do conhecimento. A percepção dos sentidos fornece a matéria do conhecimento, porém, não pode dar o conhecimento verdadeiro. A experiência esfacela o que está pré-contido numa unidade e não pode tornar-se base do conhecimento autêntico (NICOLA, 2009).

A alma não pode parar na sensação pura; ela, neste caso, apenas avalia e julga as aparências, as reconhece, percebe e projeta opiniões. É o momento da “*doxa*”. Através da opinião a mente começa a abrir-se e toma posse de si e ao livrar-se das sensações e sentimentos, ela se abre às noções científicas e formula conhecimento inteligível puro (*dianoia*). No entanto, é a intuição que conclui o processo cognoscitivo (*noesia*). A intuição

originária é pré-temporal, é pré-terrena, é metafísica e pode tornar-se uma conquista do homem, é um valor que pode ser alcançado ou perdido (NICOLA, 2009).

A alma pode chegar à intuição através de um caminho ascendente e vertical, e neste processo o saber pode passar das sensações à ciência. Porém, necessita superar as impurezas afetivas iniciais para atingir a autoconsciência mediante a qual toma contato consigo mesma, alcança o centro de si mesma, o centro de onde se irradia a luz de todas as suas virtualidades. A alma se vê como mediadora dos dois mundos: do metafísico e do fenomênico. O conhecimento puro não se origina do sensível, mas da intuição intelectual (*noesis*), na qual se contempla a verdade de si mesmo.

Platão coloca a intuição no ápice do processo evolutivo do conhecimento, em que a mente se reconhece como princípio unitário que ilumina a diversidade fenomenológica.

Santo Agostinho em seu livro 10 do “*De Trinitate*”, ao abordar a visão platônica da alma, diz que “a espiritualidade da alma apresenta-se como uma verdade imediatamente evidente: objeto da intuição, mas de uma intuição, de uma evidência que foi obscurecida por pré-convicções e que, por isto, se faz necessário redescobrir” (SANTO AGOSTINHO citado por FABRO, 1959, p. 152).

A intuição corresponde ao próprio ser que sabe, sem que esteja incluído no saber científico. Quando a mente contempla a si mesma, ela se reconhece como princípio iluminante do conhecimento científico.

Aristóteles no seu “*Órganon*”, quando busca fundamentar a demonstração científica ao referir-se à intuição, afirma que ela deve ser considerada o princípio dos princípios. Diz ele que nada pode ser mais verdadeiro do que o conhecimento científico, exceto

a intuição. Segundo Aristóteles, a intuição estaria acima do conhecimento científico, sendo a base primeira do mesmo. Ela não pertence ao âmbito científico, mas como princípio dos princípios ela sustenta o valor da demonstração, embora não seja demonstrável, visto que se dá por evidência.

A intuição é propriedade do intelecto agente: esse intelecto pensando em ato todos os inteligíveis, pensa a si mesmo e por consequência é pensamento do pensamento, é por ele que se torna possível a intuição intelectual. Esse intelecto é universal visto que se identifica à universalidade dos intelectos pensados. Como ato, ele é ser e é sem grandeza (FABRO, 1959).

Os conceitos são intuídos imediatamente pelos muitos intelectos pensados. O conceito sempre tem uma dimensão de compreensão e uma de extensão. A compreensão é constituída pelos predicados que denotam seu significado lógico. A extensão é constituída pelos sujeitos aos quais aquele conceito pode ser predicado.

Compreensão e extensão estão em proporção inversa. O conceito que tem o máximo de extensão, como o ser, tem o mínimo de compreensão e pela sua abrangência, torna-se racionalmente indefinível e foge da compreensão racional. A compreensão sempre apela por uma definição.

A definição dá a essência do conceito mediante o gênero próximo e a diferença específica. O gênero de cada ser é constituído pela matéria e a diferença específica dá forma à matéria. O ser em si é sem gênero e sem forma e, portanto, é o universal dos universais. Para Aristóteles, o ser em si é irreduzível a conceitos, é ato incompreensível porque traduz o todo, sem coincidir com nenhuma coisa, sustenta ou sub-está a tudo e abrange as diferenças de cada coisa; situa-se para além do discurso racional.

Para Aristóteles a demonstração de valor científico deve partir do que é verdadeiro e, portanto, o ponto de partida da ciência deve ser o que é evidente em si mesmo. Todas as demonstrações apodíticas ou que exprimem uma necessidade lógica, e que não pode ser contestada, por ser coerente com as regras dos juízos e raciocínios ou do silogismo, necessita de apoio de um princípio evidente para a mente, como base da verdade. Este princípio evidente para a mente corresponde a uma proposição anapodítica que se impõe como princípio evidente à mente.

Aristóteles afirma que este princípio que dá base e valor à lógica, trata-se do princípio de não-contradição. Qualquer princípio da lógica formal pode ser reduzido ao princípio de não-contradição. Este princípio está acima da evidência lógica, porque sustenta a veracidade da coerência na elaboração da ciência. Toda dedução pressupõe este princípio e é impossível que os contrários estejam simultaneamente presentes na mesma coisa, se a não-contradição garante o valor desta dedução. Ainda: não há um termo intermediário entre os dois termos da contradição: ou é, ou não é. Se algo é, ele não pode não ser. A intuição compreende este fundamento da lógica para organizar a ciência, a visão mental do ser onde a contradição se dilui e onde sujeito-objeto ficam pré-contidos e presentes como uno.

Para ter acesso à intuição, Nicolau di Cusa ou Cusano (1964; 1988), primeiramente distingue três fases no processo de conhecimento humano: na primeira fase dá-se o conhecimento da multiplicidade tal como a natureza apresenta. Os sentidos colhem o que é imediatamente fragmentado. Tal conhecimento oferece apenas o que está ligado aos dados das coisas.

Na segunda fase, o conhecimento racional toma forma como síntese dos dados apresentados pela experiência. A

razão, sendo dotada de uma capacidade de análise e síntese, organiza a multiplicidade empírica segundo a ordem do entendimento.

Na terceira fase ou terceiro grau, surge o conhecimento imediatamente intuitivo que é de ordem supra-sensível. O intelecto colhe a necessidade da unidade e mediante a intuição dá-se o encontro entre a esfera do sensível e do inteligível e a adequação entre realidade e conhecimento se confirma.

Nicolau di Cusa, em sua obra “*De Venatione Sapientiae*”, assim se expressa:

As razões que o homem concebe não constituem a essência do real, essência que precede todo real. Portanto, a divergência não está na razão substancial das coisas, mas nas palavras que, com diversidade de razões, são atribuídas de modo variável às coisas. É na representação da essência das coisas, que também é variável, que consistem as diversidades entre os que discutem (...). A nossa busca da sabedoria infável, sabedoria que precede aquele que impõe as palavras e qualquer coisa designável com palavra, consiste antes no silêncio, em ver que não está na loquacidade do falar e do ouvir (CUSANO, 1964, p. 33-97; 100).

Para Cusano (1964; 1988) só a intuição de fato, quando colhe o originário metafísico, transpõe o muro das divisões múltiplas e nos leva a ver o princípio onde acontece a coincidência dos contraditórios ou opostos. O ingresso neste princípio torna-se possível se conseguirmos superar a porta amparada pelo espírito mais alto da razão. Para encontrar o âmbito onde os contraditórios coincidem, é preciso vencer os limites da razão e ver onde o contínuo está unificado. O uno é ser.

Já o filósofo Bergson (1932) propõe o intuicionismo<sup>16</sup> filosófico. Para

<sup>16</sup> “Doutrina que confere centralidade à intuição, ou a considera como um instrumento privilegiado no processo do conhecimento. Teoria do filósofo francês Henri Bergson (1859-1941), segundo a qual a intuição nos permite o contato com a

ele, a ciência e o senso comum conhecem a realidade em função dos interesses da vida. O filósofo, ao invés, volta seu olhar para o movimento interior, para a duração, na qual consiste a vida. “A função da filosofia consiste em inverter a direção habitual do trabalho do pensamento” (LOGOS, 1989, p. 670).

A intuição faz o contato imediato com a realidade em nós. Esta realidade pode ser conhecida na sua pureza natural, como ela é em si. A função da filosofia consiste na volta do espírito a si mesmo. O espírito é, por essência, intuição. A filosofia é o meio para restabelecer o contato em que a consciência humana coincide com o princípio de onde emana a força criadora.

Em seu livro “*L’Evolution Créatrice*”, publicado originalmente em 1907, Bergson salienta que o conhecimento físico-matemático é caracterizado por uma natural incompreensão da vida, no entanto, mediante tal saber, o *homo faber*, com sua atividade, construiu instrumentos e máquinas para alargar a esfera do seu domínio sobre o mundo, e com a técnica aprimorou as relações e os intercâmbios da vida civil. Isto é o que corresponde ao progresso da vida contemporânea.

Tudo isto, de fato, é útil e funciona na atividade de serviço à vida. A razão nos oferece uma reflexão analítica, mas não nos dá a síntese que é a vida interior colhida pela intuição: “a realidade é toda atravessada por uma corrente de vida que é energia criadora, que se multiplica numa infinidade de espécies, de que são portadores os indivíduos organicamente constituídos num crescente triunfo do espírito sobre a matéria” (FABRO, 1959, p. 689).

---

realidade absoluta, em contraste com o caráter meramente instrumental da inteligência conceitual ou científica; bergsonismo” (HOUAISS, versão eletrônica).

A moral que nasce da vida é aberta à humanidade inteira e está acima de qualquer determinação histórica. Enquanto a moral da sociedade é fechada, sofre a organização jurídica e exige que ela seja circunscrita a um grupo, a moral da vida é universal e pode variar a cada nova situação.

A moral social estrutura-se pela análise racional, enquanto a moral da vida apela pela intuição de cada nova situação. A primeira é subordinada à lei e é estática; a segunda exige um fundamento superior voltado à evolução criadora e não apenas à função produtiva.

Para Leibniz, a intuição designa a apreensão direta das primeiras verdades e para Espinosa a intuição é superior ao saber sensível e racional e coloca a alma em presença do real. A intuição suprime a separação sujeito-objeto e dá a visão do uno ou do ser (NICOLA, 2009).

De um modo geral, na história da filosofia se considera a intuição como um modo de conhecer contraposto à abstração, à dedução ou ao discurso lógico; é um modo de colher diretamente o dentro das coisas, o dentro da ação. A intuição constitui o saber primário e correlacionado à evidência imediata. É considerado o saber mais perfeito dos conhecimentos, porque apreende diretamente o real sem a mediação do raciocínio e, por consequência, é um saber necessário para fundamentar a lógica e sustentar o valor da ciência.

### 3 A intuição na abordagem ontopsicológica

Na história da filosofia, vários autores empenharam-se em dar uma ideia referente à intuição, tal como foi abordado brevemente, até o momento, neste artigo.

A Ontopsicologia, mediante três novas descobertas<sup>17</sup>, proporciona um novo

---

<sup>17</sup> Estas descobertas são resultados de pelo menos dez anos de atividade clínica bem sucedida,

modo de compreender a intuição (MENEGETTI, 2010b; 2009). Intuir é descobrir, perceber ou ver sem recorrer a raciocínios ou análises; é ver diretamente a ação íntima enquanto acontece, como base de conhecimento. No entanto, a partir da compreensão da intuição, é necessário agi-la na história, ou seja, aplicar ferramentas, recursos, conhecimentos, estratégias, técnicas etc., em um dado contexto e/ou situação existencial, para que possa se tornar possível e concreta a realidade da informação veiculada pela intuição de cada sujeito em âmbito histórico.

Pela intuição pode-se compreender a essência fluida de uma realidade, mas para que esta percepção aconteça requer-se do cientista uma consciência exata e transparente. Em base a esta exigência, por parte do cientista, a Ontopsicologia sublinha a necessidade de tornar exata a consciência, para que não esteja fundamentada em convicções e aderências impróprias por serem estranhas ao mundo-da-vida ou à ordem inerente à natureza humana. Portanto, para obter uma visão clara, evidente e imediata do real em ação, exige-se metanoia ou mudança de consciência, continuamente, por parte do sujeito.

A intuição é a percepção ou visão instantânea do real em ato. Vendo a informação, é possível distinguir a informação de vantagem à identidade humana, da informação imprópria e prejudicial à natureza. A informação é positiva, para um sujeito, quando reforça a

norma e a funcionalidade da natureza, e é negativa se lesiona a ordem da natureza.

Ao compreender a informação que lesiona ou altera a ordem da natureza, foi possível identificar um mecanismo interior que filtra e seleciona ideias fixas pré-estabelecidas que se estabelecem no espelho da consciência. Este mecanismo funciona como uma grelha ou um monitor de deflexão, porque ao invés de refletir corretamente a informação vital orgânica, ele a distorce/deflete. Portanto, a distorção da informação provocada pelo monitor de deflexão não permite que a consciência compreenda, de per si, a intuição.

O campo semântico, por sua vez, como comunicação base que a vida utiliza no interior das suas individuações (MENEGETTI, 2010b), pode ser compreendido como o canal de comunicação que veicula as informações que são emitidas e recebidas pelas individuações. Durante a atividade clínica desenvolvida por Meneghetti, na década de 1970-1980, foi possível identificar, a partir do campo semântico, um princípio formal inteligente que está na raiz da identidade humana. Este princípio organiza e restabelece a ordem da vida. Com esta descoberta tornou-se possível ver que o princípio originário, denominado Em Si ôntico, é o critério de base (critério de natureza) do modo de ser e agir do homem (MENEGETTI, 2010b).

Estas descobertas tornaram possível constatar que a consciência humana está alienada da identidade do homem, e por consequência se faz necessário reajustá-la ao critério do princípio originário do homem, o seu Em Si ôntico.

O campo semântico dá a base de informação para perceber que por trás dos fenômenos múltiplos há uma unidade como ponto inicial de qualquer processo evolutivo ou involutivo. “A consciência pura ou ôntica não se alcança pelo

---

período no qual o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti realizava pesquisa experimental. Para maior aprofundamento, verificar as obras Manual de Ontopsicologia, capítulo *Background histórico à ciência ontopsicológica*, do mesmo autor, publicado pela Ontopsicologica Editora Universitária, 4. ed., 2010b. Também Dossiê “Uma viagem de sucesso” – Revista Nova Ontopsicologia, junho 2008, pela mesma editora; e na obra *Ontopsicologia Clínica* (1978), do mesmo autor.

abandono dos conhecimentos tradicionais, mas pelo amadurecimento destes é que se abre consciência ôntica” (MENEGETTI, 2002, p. 223).

Portanto, existe um *training* pessoal para chegar a compreender a própria intuição. É importante sublinhar que cada intuição tem sua base no contato com o originário metafísico do homem. A intuição sempre é um ponto de partida para organizar melhor as decisões, elaborar novos conhecimentos e rever ações para aprimorar o crescimento, o sucesso em administração, em política, em economia, em educação, enfim, em qualquer área de atuação humana.

A intuição sempre é um ver com evidência que surge continuamente. Ela apresenta-se como ponto de partida ou fórmula que sustenta a lógica e as decisões. A intuição é anterior à organização racional e às decisões de meios para realizá-la. No entanto, ela requer, junto a si, a racionalidade e o arcabouço de técnicas que o homem criou, para que possa ser posta em ação histórica no contexto no qual o sujeito se encontra situado e, assim, efetivar a concretude de si mesma para que se alcancem os resultados de um projeto.

A evolução pessoal que leva à intuição exige, além do estudo contínuo (no qual se dá o aprimoramento da racionalidade e da inteligência), a metanoia – mudança de mente. Na metanoia acontece uma mudança de pensamento e de comportamento. A metanoia acontece quando o sujeito procura desinvestir-se do passado e dos modelos fixos para organizar-se em consonância com a funcionalidade imediata da própria vida. O piloto Eu do sujeito começa a abandonar opiniões assimiladas do contexto tradicional e passa a conformar-se a uma compreensão variável da própria vida em cada situação. O Eu torna-se eficiente em função da própria saúde e crescimento, fazendo

investimentos de autenticidade em evolução.

A metanoia consiste numa contínua mudança de consciência para refletir a informação imediata da vida, que deve ser atuada a cada dia no contexto histórico. Pela intuição a mente colhe a unidade profunda que precede todo o conhecimento científico e lhe dá sustento e fundamento, enquanto no conhecimento racional se formaliza o saber aplicado no tempo e no espaço. “Quem tenta encontrar no conhecimento o que viu na intuição mental, se esforça em vão, tal como aquele que se esforça por tocar com as mãos a cor, que é somente visível” (MENEGETTI, 2002, p. 223).

Sempre que nos empenhamos na investigação analítica, nos posicionamos na contradição ou contraposição insuperável, e esta nos exclui do real uno e originário. Se ficarmos atrelados somente aos efeitos que se expõem no externo não encontraremos o sentido primário, a causa primeira.

O silogismo embora nos dê uma sequência organizada e racional do modo como ocorre o pensamento científico tradicional, não tem condições de esclarecer o real originário que a intuição encontra com evidência. No princípio do conhecimento científico está o uno indemonstrável. Pelo caminho da visão que dá o dentro da ação poderemos encontrar o real que como síntese unifica o interno e o externo (MENEGETTI, 2005; 2007).

Nicolau di Cusa ao falar da coincidência *opositorum* referia-se àquele íntimo profundo onde se dá o encontro unitário do dualismo. O símbolo ou o signo não nos dá e não é o ser. O real é por natureza antecedente ao conhecer: a sabedoria infável é anterior àquilo que as palavras impõem e consiste em ver onde o visto e o vidente coincidem em ser.

A consciência ôntica é o real anterior à dialética racional e científica e é antecedente a qualquer palavra. O

princípio ôntico está na base de qualquer ciência e faz de continuidade unitária da multiplicidade. Como ponto de origem deste contínuo organizado só nos resta subentender o ser como fundamento primeiro e originário de tudo o que aparece como múltiplo e contíguo. O ser é como ausência geradora que fala de si em cada individuação. A intuição do Em Si ôntico é uma possibilidade para a funcionalidade de nossa razão histórica. A razão colhe a contradição, demonstra muitas coisas sem a demonstração primária e originária de si mesma. Na angústia, a razão esclarece que o devir alienou-se do ser, e pode recuperar a função; porém a intuição não se alcança por demonstração, visto que requer do sujeito uma consciência exata e autêntica, para que possa ser compreendida. Para saber a intuição é preciso um contínuo *training* para tornar exata a própria consciência, uma consultoria de autenticação.

Segundo Cusano (1964; 1988), para transpor o muro da porta guarnecida pelo espírito mais alto da razão, aquele em que a porta se abre para o ser, é necessário vencer o muro, caso queira que o ingresso se abra. Neste caso se vê para além da coincidência dos contraditórios e não mais aquém.

A intuição ôntica sempre é antecipada por outros níveis ou graus de conhecimento:

O primeiro grau é o conhecimento baseado experimentalmente nos cinco sentidos tradicionais. O segundo grau é a razão dialética que estrutura os vários modelos de conhecimento funcional em campo científico, filosófico e político ou administrativo, o terceiro grau é Ontopsicologia: neste grau a diversidade é unitária, o tempo é eterno e a distinção é imanência do único e este grau se dá fora de toda lógica conhecida (MENEGETTI, 2002, p. 115).

De qualquer modo, é fundamental que a intuição seja atuada na história, de

forma racional, isto é, a partir do momento em que se compreende a própria intuição, o sujeito deve agir, empregar seus conhecimentos lógico-rationais, técnicos, elaborar estratégias, saber onde e como empreender suas ações, para que a própria intuição se torne história, se concretize e sejam possíveis os resultados. Assim, existe uma dialética precisa na relação entre intuição e racionalidade, onde uma complementa a outra, tendo em vista o crescimento e desenvolvimento integral do sujeito agente e responsável no contexto social, em qualquer âmbito em que este atue e opere humanamente.

#### 4 Considerações Finais

Na contemporaneidade estamos subordinados a um conhecimento que, em grande parte de seu conteúdo, é alheio à compreensão do mundo-da-vida – como, em 1934, já pontuava Edmund Husserl (1961) – no entanto, a elaboração científica é imposta e cobrada como se fosse de valor absoluto.

Se recorrermos à afirmação de Protágoras que “o homem é a medida de todas as coisas” (NICOLA, 2009), resta a pergunta: como impor ao homem conteúdos elaborados sem antes conhecer o homem em seu modo original de ser? Sempre que pretendemos impor ao homem normas ou conteúdos científicos que desconhecem a ordem da vida humana, teremos como resultados, as doenças, os conflitos, as guerras e as desordens na vida. O saber deve coincidir com o modo de ser humano para não violentar a ordem inerente à natureza. A realidade é por natureza anterior ao ser conhecível. O símbolo não é o ser, mas constrói o conhecimento, porém, há uma visão mental que intui o que precede todo conhecimento e o fundamenta. Esta visão é possível ao homem que por mérito pessoal a atingiu e a viu. A Ontopsicologia é uma ciência que oferece



os instrumentos e as bases de estudo para que o homem tenha acesso à própria realidade interior de sua natureza.

As escolhas não autênticas, o medo e a preguiça de ação dão início à distorção, porque são opostas e impróprias à ordem da natureza humana. Prosseguindo em escolhas incoerentes ao próprio modo de ser e se omitindo de fazer o que a vida exige, não se pode pretender chegar à intuição, porque se tornam cegos e surdos para ver e ouvir o que é adequado para construir a dignidade de si mesmo como pessoa. Portanto, quando se fala de intuição e de sua atuação no contexto histórico, se fala também, diretamente, de responsabilidade própria.

## Referências

- ARISTÓTELES. **Organon em analitici secondi**. Milano: Boringhieri, 1953.
- BERGSON, Henri. **L'Évolution créatrice**. Paris: L'Épi, 1907.
- BERGSON, Henri. **Le deux sources de la morale e de la religion**. Paris: L'Épi, 1932.
- CUSA, Nicolau di. **De visione Dei**. Lisboa: Tavares Martins, 1988. (Publicado originalmente em 1453).
- CUSA, Nicolau di. **De Venatione Sapientiae**. Hamburgo: Wilpert, 1964.
- FABRO, C. **Storia della filosofia**. Roma: Coletti, 1959. Vol. I e II.
- HUSSERL, Edmund. **La crisi delle scienze europeee e la fenomenologia trascendentale**. Milão: Il Saggiatore, 1961.
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão eletrônica.
- LOGOS. **Enciclopédia Luso-Brasileira**. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1989. Vol. 1 e 3.
- MENEGHETTI, Antonio. **Ontopsicologia Clínica**. Roma: Psicologica Editrice, 1978.
- MENEGHETTI, Antonio. **Filosofia Ontopsicologica**. Roma: Psicologica Editrice, 2002.
- MENEGHETTI, Antonio. **Fondamenti di filosofia**. Roma: Psicologica Editrice, 2005.
- MENEGHETTI, Antonio. **Conoscenza ontologica e coscienza**. Roma: Psicologica Editrice, 2007.
- MENEGHETTI, Antonio. **Dalla coscienza all'essere**. Come impostare la filosofia del futuro. Roma: Psicologica Editrice, 2009.
- MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2010b.
- NICOLA, Ubaldo. **Antologia illustrata di Filosofia**. Milão: Giunti Edizioni, 2009.

*Autor:*

*Alécio Vidor*: Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (Roma-Itália); Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (Roma-Itália); graduação em Filosofia e Pedagogia pela Universidade de Passo Fundo; graduação em Teologia (Escolasticado São José); professor do curso de graduação em Administração e do Bacharelado em Direito da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF), e professor dos cursos de Pós-Graduação MBA *Business Intuition* e do curso de Especialização *Lato Sensu* Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico da AMF.

Submetido em: 30/04/2011

Revisto em: 27/07/2011

Aceito em: 23/09/2011.